

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

História das Ciências, da Saúde e das Doenças

Organizadores:

Iranilson Buriti de Oliveira (Universidade Federal de Campina Grande)
iburity@yahoo.com.br

Azemar dos Santos Soares Júnior (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
azemarssoares@hotmail.com

Corria o ano de 1835 quando a *Southern Literay Messenger* publicou o pequeno conto de horror intitulado *Berenice*. A autoria pertencia ao escritor tido como gótico, Edgar Alan Poe, e a história contada girava em torno da imagem de um corpo que do dia para a noite padeceu de ataques epiléticos, convulsões palpitantes, tremores que desfiguravam o corpo daquela mulher. Egeu, personagem narrador do conto, relatou como o corpo de Berenice sofreu alterações físicas que foram de “[...] ágil, graciosa, transbordando de energia [...] de beleza deslumbrante e, no entanto, fantástica” (POE, 2012, p. 192-193) ao “[...] mistério e terror, e uma história que não deveria ser contada” (POE, 2012, p. 193). Essa transformação se deu devido a uma doença maléfica e desprovida de nome. Uma enfermidade que como mal súbito se abateu e deformou o corpo de Berenice.

A doença, assim descreveu o narrador, foi “fatal”. Ela “[...] se abateu como um simum sobre seu corpo” fazendo com que o expectador acompanhasse as grotescas mudanças “[...] diante de meus próprios olhos”, pois o “[...] espírito da mudança desceu sobre ela, permeando sua mente, seus hábitos e seu caráter, e, de maneira mais sutil e terrível perturbando até mesmo a identidade de sua pessoa” (POE, 2021, p. 193). O corpo de Berenice passou da condição de belo e saudável para o formato de caído e desolado. Após seu corpo ser habitado pela doença, sua fronte ficou alta e pálida, por vezes, plácida, seus cabelos negros caíram sobre a testa e encobriram suas têmporas deixando transparecer o ar melancólico de seu semblante. Seus olhos estavam sem vida, sem brilho, seus lábios finos e enrugados. Apenas seu sorriso, marcado por dentes longos, estreitos e excessivamente brancos pareciam destoar, conforme a visão do narrador, de seus traços mórbidos, pálidos, gélidos, disformes. É certo que Egeu criou uma fixação pelos dentes finos e pontiagudos de Berenice e sobre eles auferiu uma beleza que destoava do restante do corpo que sofria ataques cotidianos de epilepsia, sendo um deles fatal,

fazendo com que ao cair da noite “[...] o túmulo estivesse pronto para receber sua ocupante, e todos os preparativos para o enterro foram contemplados” (POE, 2012, p. 199).

O corpo doente de Berenice deu lugar aos predicados de um corpo sem vida que em nada se diferenciava da situação anterior, senão pela condição rígida “[...] em todo seu pavoroso comprimento que ali jazia estendido no caixão” (POE, 2012, p. 200), portando um odor fétido peculiar a decomposição rápida, aos miasmas que se desprendiam da carne em putrefação. Uma descrição que nos faz imaginar o cheiro deletério que exalava de seu cadáver. Essa descrição sobre o corpo doente de Berenice ganhou um tom fantasmagórico não apenas pela arte do detalhe que acentuou em minúcias a condição de enferma, de morta-viva, de um corpo nauseabundo, a perambular dentre vivos que temiam ser contaminados e tornar-se um zumbi que aguardava sua partida definitiva para o mundo dos mortos. Egeu fez questão de fixar sua atenção no dentes de Berenice, no sorriso de Berenice. Era um sorriso adjetivado por sua beleza de predicados responsáveis por associar a beleza, a vida: dentes alvos, límpidos, porém finos e longos. Essa característica também foi responsável por matar Berenice. Seus dentes “longos e finos” a associava aos dentes vampirescos, consagrados pela literatura como seres mortos-vivos que usavam a arcada dentária de lobo para sugar o sangue e a energia dos vivos. Aquilo que fazia de Berenice viva, para Egeu, seu pretendido em casamento, a atribuía sintomas de morte. O corpo morto de Berenice possuía um sorriso também morto a sugar outros corpos, metáfora de uma contaminação da enfermidade, de um convite nada agradável a saúde e a vida.

Como na maioria das histórias ficcionais, Egeu precisou matar o sorriso de Berenice de seu imaginário. Ele construiu a narrativa de que o túmulo dela havia sido violado. Seu corpo melado de lama e sangue segurou uma caixa que de dentro dela caiu instrumentos de cirurgia dentária e “[...] trinta e duas matérias brancas, como que de marfim, que se esparramaram aqui e ali pelo assoalho” (Poe, 2012, p. 201). Eram os dentes de Berenice.

Depois de ser publicado em revista, o conto de Edgar Allan Poe ganhou as páginas dos livros que reuniram seus contos em formato de “Histórias Extraordinárias”. Um tipo de literatura que investiu pesado no horror como métrica a dar o tom narrativo dos escritos desse autor. Dentre os temas abordados, é possível comumente encontrar a doença e morte como personagens e temas dispostos nas histórias por ele escritas. O corpo de Berenice foi apenas mais um afetado pela enfermidade, pela acharque da deformidade, pelo grotesco cenário de horror que a doença submete o corpo.

Se a literatura se incumbiu de pautar a doença e a morte como personagens, ou melhor, os vilões de suas histórias, esse tema ganhou espaço nas pesquisas científicas de historiadores e demais pesquisadores que se debruçaram sobre as formas de adoecer, de observar o evento mórbido e suas danosas ações sobre o corpo físico, emocional e social, de perceber como uma dada comunidade se desorganizou e reorganizou suas vidas diante de uma epidemia; como construiu instituições responsáveis por cuidar do corpo adoecido e/ou mesmo divulgar políticas sanitárias em defesa da vida, de biopolíticas; como sujeitos ordinários ganharam visibilidade ao exercer o ofício de curar; como os profissionais se dedicaram as campanhas de saúde estabelecendo diálogos políticos sobre o corpo de mulheres e homens; como a ciência se fez presente nas formas de controle do corpo. Essas são apenas algumas temáticas que o historiador da ciência, da saúde e das doenças pode realizar pesquisas. Esses são temas de interesse desse dossiê, proposto para a Revista História, que versa reúne textos de pesquisadores do campo da História da Ciência, da Saúde e das Doenças.

Esse é um campo que vem crescendo vertiginosamente. No ano de 2004, Anny Jackeline Silveira e Dilene Nascimento apresentaram informações sobre o campo da história das doenças que se encontrava em expressiva expansão. É certo que naquele momento, as autoras se referiam exclusivamente a “história das doenças”, que de certa forma, funcionou para o alargamento do campo podendo ser possível pesquisar sobre as instituições e os profissionais médicos, sobre os fenômenos patológicos, sobre as práticas e os práticos de cura, sobre os avanços da ciência médica, ou mesmo, sobre as formas de educar sanitariamente. Partindo da afirmativa de que “[...] a doença pertence à história” (LE GOFF, 1997, p. 7), foi possível observar que o evento mórbido “[...] como fenômeno social também é uma construção” (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004, p. 13) e que cada época, em diferentes lugares, vai atribuir um sentido e um significado a doença, as formas de curar e de cuidar do corpo. Esses sentidos e significados por vezes acompanham a evolução da ciência e da tecnologia responsável por encontrar a cura para enfermidades, formas de ceifar vírus e bactérias que desenvolvem nos corpos doenças letais. Se as doenças desorganizam a vida social, exigindo encontrar meios de cura e da ação dos profissionais da saúde no sentido de reorganizar a vida, como afirmaram Jacques Revel e Jean-Pierre Peter (1976), essas mudanças e continuidades tornaram-se alvo de investimento e interesse de historiadoras e historiadores.

Se o campo está em constante crescimento, isso se deve também às pesquisas desenvolvidas em níveis que vão da iniciação científica àquelas feitas nos programas de pós-graduação e aos encontros de pesquisadores do campo, que se reúnem para partilhar suas pesquisas em eventos científicos como o *Colóquio de História das Doenças*, realizado anualmente no Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e o *Seminário de História da Saúde e das Doenças no Nordeste do Brasil*, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ou mesmo em dossiês temáticos como esse, que funciona como divulgador de resultados do investimento feito por pesquisadores no campo da História da Ciência, da Saúde e das Doenças.

Assim, para uma melhor apresentação desse dossiê, organizamos os textos em três grandes eixos contemplados pelo campo da História da Ciência, da Saúde e das Doenças, a saber: a) História das Doenças; b) História das Instituições Médicas e dos Profissionais de Saúde; c) História da Ciência e da Educação da Saúde. Passamos a uma rápida apresentação dos artigos que compõe esse conjunto discursivo:

O primeiro eixo, **História das Doenças**, conta com três artigos: o primeiro, intitulado “*A peste em regimentos de epidemia ibéricos*”, de autoria de Maria Dailza da Conceição Fagundes, que se dedicou à peste em dois escritos médicos, a partir de um estudo comparativo acerca da definição de pestilência, as causas e os sintomas; o segundo artigo, batizado por “*Moléstia terrível, de mortalidade elevada, que deforma o indivíduo*”: *o morbus infeccioso da varíola*”, escrito por Azemar dos Santos Soares Júnior, buscou analisar os discursos escritos e publicados por médicos na imprensa paraibana sobre os surtos epidêmicos de varíola naquela geografia nos primeiros anos do vigésimo século; e fechando o primeiro eixo, o texto de Leicy Francisca da Silva, “*A varíola em Goiás: a prevenção e contenção de surtos na segunda metade do século XIX*”, também dedicado a discutir a varíola nos idos do oitocentos na Província do Goiás.

O segundo eixo, **História das Instituições Médicas e dos Profissionais de Saúde**, é composto por sete textos: o primeiro deles, escrito por Edna Maria Nóbrega Araújo e Rafael Nóbrega Araújo, “*O dispensário Epitácio Pessoa e a institucionalização da luta contra a tuberculose na Paraíba do Norte (1923 – 1933)*”, com o objetivo de investigar o processo de instalação e atuação do Dispensário Epitácio Pessoa na cidade da Paraíba do Norte, atual João Pessoa, nos seus primeiros anos de funcionamento; em seguida, o artigo intitulado “*Menores degenerados: as experiências de crianças e adolescentes no Hospital de Alienados do Recife-PE (1926-1939)*”, escrito pela parceria acadêmica firmada entre Carlos Alberto Cunha Miranda e Rafael Zamorano Bezerra, sobre crianças que foram enquadradas no diagnóstico de “episódio

delirante dos degenerados”; o artigo que segue, timbrado pelas mãos de Francinaide de Lima Silva Nascimento e Rita Diana de Freitas Gurgel, recebeu a alcunha de *“Higiene, moral e estética: a influência médica na trajetória da Escola Industrial de Natal”* e versa sobre uma análise realizada acerca das práticas educativas higiênicas na Escola Industrial de Natal (EIN); em seguida, o leitor irá se deparar com o trabalho de Bruna dos Santos Beserra Pereira e Maria Izilda Santos de Matos, descrito como *“Corpos e mentes sob controle: institucionalização da medicina e da psiquiatria em São Paulo, trajetória e propostas de Pacheco e Silva”* e se incumbiu da tarefa de analisar aspectos da institucionalização da medicina e da psiquiatria, priorizando a trajetória, produção e atuação política do médico psiquiatra Antonio Carlos Pacheco e Silva; sexto texto desse eixo foi intitulado por Edivando da Silva Costa como *“A saúde em tempos de guerra: as ações dos guardas sanitários do SESP na Amazônia paraense (1942-1945)”* com o intuito de se debruçar sobre os acordos firmados durante a Segunda Guerra Mundial entre o Brasil e Estados Unidos na área da saúde para combater as doenças que grassavam na Amazônia; e, por fim, fechando esse eixo, o texto de Luiz Otávio Ferreira e Ricardo dos Santos Batista, *“Maria Clayde Teixeira Barroso e a profissionalização da enfermagem no Nordeste brasileiro (1937-1978)”*, que teve por objetivo analisar parte da trajetória profissional dessa profissional no processo de institucionalização da Enfermagem no Nordeste brasileiro.

No terceiro eixo, onde reunimos cinco artigos sobre a **História da Ciência e da Educação da Saúde**, é possível o leitor contemplar o artigo de autoria de Alex Vieira dos Santos, Amílcar Baiardi e Carlo Loria, chamado de *“A cooperação científica nas controvérsias sobre os fundamentos da revolução quântica”*, que versa sobre a cooperação entre ciências na produção do conhecimento e o papel das ciências humanas nos debates dos fundamentos da revolução quântica; em seguida, o texto intitulado *“A saúde da mulher no Mundo Antigo”*, escrito por Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho e Renata Cerqueira Barbosa, que consiste numa análise histórica sobre a saúde da mulher no mundo antigo por meio de um levantamento bibliográfico e historiográfico sobre as sociedades antigas do entorno do Mediterrâneo; em seguida, o texto de Iranilson Buriti, chamado *“Armados até os dentes: educação e saúde bucal nas Forças Armadas Brasileiras no III Congresso Odontológico Latino-Americano (1929)”*, no qual é feita uma análise do conjunto de teses apresentadas por cirurgiões dentistas durante encontro de odontologia para discutir as precárias condições de saúde oral das Forças Armadas brasileiras, particularmente o Exército e a Marinha, e as tentativas de implantação do serviço de saúde

bucal; em seguida, o artigo “*A educação sanitária e a produção do “trabalhador produtivo” (Paraíba, anos 1920 a 1940)*”, de autoria de Leonardo Querino Barboza Freire dos Santos, sobre as ações de educação sanitária dirigidas aos trabalhadores na Paraíba nas primeiras décadas do século XX; e, fechando o eixo e o dossiê, o texto de George Leonardo Seabra Coelho, “*Publicidade e visualidade: a revista S. Paulo como espaço midiático do campo científico paulista em 1936*”, que analisa as formas como esse impresso publicizou o ideário bandeirista através da divulgação das ações do governo de Armando de Salles no campo da ciência e da saúde.

A proposta desse dossiê partiu da necessidade de reunir num espaço textos que sabem a importância histórica de publicizar os resultados de pesquisas sobre a ciência, a saúde e doença confeccionadas nos mais vastos domínios teóricos, em diferentes temporalidades, em distintas geografias. Uma reunião de pesquisadores que olham para os eventos mórbidos e para as formas e os lugares de promoção da vida, como Egeu olhou para os dentes de Berenice: com o encantamento de quem viu beleza no grotesco, na deformidade, e que com as armas de odontólogos, lhes arrancou os trinta e dois dentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; NASCIMENTO, Dilene Raimundo. A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças. In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M. *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004, p. 13-30.

LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1997.

POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE; GOFF, J., NORA, P. *História – Novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.